



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Gênero.

MISOGINIA E A VIOLÊNCIA SEXUAL REFLEXÃO SOBRE RELATOS DE SOBREVIVENTES

Beatriz Duarte Gomes Pakrauskas¹

Resumo: Este texto é uma reflexão sobre a prática profissional do atendimento social em um ambulatório de violência sexual. Apresenta a estrutura de experiência a partir da escuta ativa e acolhedora de mulheres estupradas. Identificamos nas narrativas elementos de misoginia, que entendemos ser a base sociocultural da violência sexual contra a mulher. O Serviço Social atua nos atendimentos como presença importante para garantia dos princípios do Sistema Único de Saúde - SUS e da objetivação do Projeto Ético-Político (PEP).

Palavras-chaves: Estupro, Violência sexual, Violência de gênero, Prática profissional do Assistente Social.

Abstract : This text is a reflection on professional practice in social care in an outpatient clinic of sexual violence. It has the structure of an experience report from the active and welcoming listening of women who have suffered sexual violence. We identify in the narratives of the victims elements of misogyny, which to be the socio-cultural basis of sexual violence against women. The Social Service acts in the attendance as an important presence to guarantee the principles of the Unified Health System - SUS and the objectification of the Ethical-Political Project (PEP).

Key Words: Rape, Sexual violence, Gender violence, Professional practice of social worker.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é a sistematização do processo de reflexão do exercício profissional no Serviço de Violência Sexual e Abortamento previsto em Lei, realizado no Hospital Pérola Byington, em São Paulo, no período de 2016 a 2019.

O imperativo ético profissional do assistente social com atuação crítica, comprometida e competente, impulsiona a problematização do cotidiano profissional. A qualidade do trabalho social desafia o profissional diante da dinâmica da vida, da cultura e da sociedade brasileira.

A identificação e delimitação da misoginia como tema de estudo e reflexão é relevante, devido a quantidade de atendimentos sociais realizados no ambulatório de violência sexual, a meninas, adolescentes e mulheres violentadas. Não obstante, em dimensão macro, o índice de violência de gênero contra a mulher tem aumentado no Brasil e na América Latina.

O presente artigo foi construído a partir do método indutivo, pesquisa bibliográfica breve e produções acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento. No entanto,

¹ Profissional de Serviço Social, Hospital Pérola Byington - CRSM-AVS. E-mail: beasocialworker@gmail.com

enfaticamente a produção com base na história social da violação de direitos das mulheres, buscando entender a misoginia, a cultura do estupro e a violência sexual. Constatamos que existem abordagens interdisciplinares na temática da violência sexual e, por conseguinte, a maior produção acadêmica, está no campo do direito e da antropologia/sociologia.

O fenômeno da violência é multifacetado e complexo, enraizado culturalmente e identificado no contexto socio-histórico. A objetivação do atendimento social tem como alvo fortalecer os valores éticos e posicionar-se contra a cultura da violência, do estupro e a naturalização da violência de gênero.

2. A VIOLÊNCIA

Existem múltiplas definições sobre o que significa violência. A palavra violência tem origem no latim VIOLENTIA, “veemência, impetuosidade”, no dicionário de etimologia, deriva de VIOLENTUS, “o que age pela força”, provavelmente relacionada a VIOLARE, “tratar com brutalidade, desonrar, ultrajar”. No dicionário Aurélio online², significa:

1 - Estado daquilo que é violento. 2 - Ato violento. 3 - Ato de violentar. 4 - Veemência. 5 - Irascibilidade. 6 - Abuso da força. 7 - Tirania; opressão. 8 - Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação. (DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE)

A violência, na forma conceitual, foi tratada por vários estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento, como: violência econômica, violência política, violência simbólica, violência institucional, violência psicológica e violência social. A violência é um fenômeno cultural e social, em que vários tipos de violências estão articulados, simultâneos e inseparáveis, em um determinado contexto da sociedade. Afirma Chauí (1998):

Etimologicamente, violência vem do latim *vis*, força e significa:
 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar);
 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar);
 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar);
 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito;
 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe à ética, porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. (CHAUÍ, 1998, p.33-34)

² <https://dicionariodoaurelio.com/violencia>

Na concepção materialista da história de Marx, o trabalho é a base central da sociedade e do homem. O trabalho se organiza através do modo de produção, e a evolução social é uma sucessão desses modos. Marx (1867) refere que "A violência é a parteira de toda velha sociedade que está prenhe de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica". (MARX, 1996, p.370). A transformação da economia feudal para o modo de produção capitalista usou de brutal violência, justificadas no sistema colonial cristão, subjugaram muitos povos e cometeram atrocidades. Dessa forma, entendemos que os atores sociais presentes nesta dinâmica violenta, são: dominadores, exploradores, colonizadores e opressores. A opressão é o motor da violência, que possui um único objetivo, o poder.

As raízes da história da violência no Brasil encontram-se na dominação do país "colonizador". A invasão, exploração e controle das terras do Brasil pela Coroa portuguesa, teve como parceira a Igreja de Roma. No Brasil colônia, seus efeitos foram o não reconhecimento dos povos indígenas na dignidade, como humanos, por isso não respeitaram sua cultura, crença, língua das diferentes nações presentes no território. A consequência da dominação eliminou cerca de 220 etnias e 180 línguas faladas e gerou paradigmas que legitimam a exploração e a expropriação até o momento presente.

A violência e os castigos físicos foram introduzidos no período do Brasil colônia, por meio dos sacerdotes jesuítas, algo que, na época, escandalizou os indígenas, que nunca haviam tratado seus filhos daquela forma. A família torna-se o principal agente dos castigos físicos. Sob a orientação da educação e da medicina, a vida das crianças e adolescente da colônia possuía normas e códigos de conduta a serem seguidos, caso contrário, a força e a violência, corrigiria os erros. (PRIORE, 2013.)

Com significativas consequências sociais e culturais ao longo da história do Brasil, a violência segue presente e em crescimento na sociedade brasileira, apresenta-se como uma forma de relação social, que tem intrínseco o modo de entender o mundo e os seres humanos.

A dinâmica violenta é desvendada por Freire (1987), que afirma que a opressão, com e sem força física, introjeta no oprimido o modo de pensar e de ser do opressor.

Todo ato de conquista implica num sujeito que conquista e num objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suma finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser, como dissemos já, "hospedeiro" do outro. Desde logo, a ação conquistadora, ao "reificar" os homens, é necrófila. (FREIRE, 1987, p.70)

No contexto brasileiro, existe uma falsa percepção de que a violência é um fenômeno recente na sociedade. Na realidade a violência sempre esteve presente em nossa sociedade, desde a colonização.

3. A MISOGINIA

O processo de reflexão do movimento feminista para compreensão da condição de ser mulher na humanidade possui várias etapas. É importante compreender gênero como categoria de análise reconhecida pela academia. Segundo Amílcar T. Filho (2005), na história do século XX, a questão de gênero é elemento integrante da construção da misoginia.

O autor destaca o conceito de gênero, de Joan Scott, como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (2003). Segundo Scott, através da ótica da categoria de gênero, pode-se desmontar a organização concreta e simbólica da vida social e os entrelaçamentos de poder entre os sexos.

A construção histórica da identidade do masculino e do feminino é destaque na obra de Simone de Beauvoir, especialmente na frase mais conhecida: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e castrado que qualificam de feminino” (1970, p.9).

Na obra “Segundo Sexo”, a autora afirma que a condição da mulher como inferior e submissa ao homem é uma construção cultural, que causa um papel histórico de lugar social da mulher de invisibilidade e a torna um sujeito de direitos de segunda classe. (p.27 Cartilha para Elas).

A misoginia é basicamente a postura de aversão e ódio ao sexo feminino. O termo apresenta uma carga emocional de repulsa e crueldade contra as mulheres que não correspondem a um “ideal feminino” e desta postura surgem vários problemas sociais, tais como: a violência de gênero, o abuso sexual contra a mulher, a repressão sexual, inferiorização e discriminação da mulher, violência doméstica e o feminicídio.

No dicionário de significados, etimologicamente, a palavra "misoginia" surgiu a partir do grego *misogynia*, ou seja, a união das partículas *miseó*, que significa "ódio", e *gyné*, que se traduz para "mulher". Um indivíduo que pratica a misoginia é considerado misógino.

No Brasil, esse processo histórico de construção da imagem e do local social da mulher e do homem, está construído nas bases da cultura patriarcal portuguesa. O veículo

de transmissão e naturalização dá-se através das representações e relações sociais, aspectos culturais, normas e regras morais.

No Brasil colônia, do romanceiro português, a mulher era apresentada como heroína apenas após a morte, estava subordinada à autoridade do pai e à cultura patriarcal soldada pelo patrimônio (p.270). Afirmam as autoras que, dos 60 romances analisados, 51 apresentavam a mulher como personagem principal, violentada, subjugada e estuprada, (...) “a violência encontrada nos romances lusitanos, reproduz-se nas cores mais vulgares do cotidiano da população”. (CAMPOS; GOMES, GODOY, 2016 p.268-270).

A cultura do estupro foi identificada na década de 70, a partir da reflexão sobre as desigualdades das relações de gênero e das relações heterossexuais baseadas na sexualidade masculina, construída como: agressiva, impulsiva, que toma iniciativa para o ato sexual, que controla, domina, competitiva, insensível, que demonstra raiva e agressão. Em contrapartida, a sexualidade feminina apresenta-se como não assertiva, passividade inerente à sexualidade, sempre disponível ao sexo, submissa, discreta, que não confronta, que tem desejo sexual, mas não toma iniciativa declarada ao ato sexual, sedutora e provocadora do desejo masculino. Nessa percepção, as feministas estadunidenses indicam que o “estupro tinha a ver com política sexual e não com uma suposta natureza agressiva da sexualidade masculina” (Garcia,2018 p.2) a ponto de que a associação entre sexualidade e violência plasmada em filmes, comerciais, músicas, livros e propagandas “dificultam a dissociação de um estupro de uma relação heterossexual não violenta” (Garcia,2018 p.2).

Afirma Garcia (2018) que, dentro desta lógica insana, as vítimas desse sistema são as mulheres, quando são tidas como propriedades do homem/marido, coisificadas, desqualificadas moralmente, em relação assimétrica de poder em relação ao homem e vistas como seres não confiáveis em seus depoimentos em situações de violência sexual. Os estupros somente existem dentro de uma cultura do estupro, espaço adequado para que estupradores sigam sua prática sem serem identificados e punidos.

4. DADOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Os dados são estarrecedores e mostram que as mulheres estão vulneráveis em qualquer lugar/espço social, familiar ou desconhecido.

As estatísticas de evolução das notificações dos estupros são apresentadas pelo SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde e os dados policiais, estes receberam uma organização a partir do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Em 2014, o SINAN registrou 20.085 casos de estupros e os órgãos de segurança pública registraram 47.646 ocorrências de estupros, sendo 94,1% agressores homens e

3,3% agressoras mulheres. Houve aumento de 15,8% dos estupros coletivos no Brasil neste mesmo ano.

O relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018) avaliou em sua pesquisa que, os índices de mulheres que sofreram algum tipo de violência se mantiveram estável entre 28,6% e 27,4% nas pesquisas de 2017 e 2019. “Isso significa que 16 milhões de mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram algum tipo de violência ao longo de 2018.” (p.6). E que, 76,4% indicam que o agressor é conhecido, e 42% foram vítimas da violência dentro de casa. No grupo de agressores, os vínculos são: namorado/cônjuge/companheiro – 23,8%; ex-namorado e ex-companheiro – 15,2% e vizinhos com 21,1%. Somente 10% das vítimas buscam a delegacia da mulher para notificar uma ocorrência. A cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil. 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes.

5. ATENDIMENTO SOCIAL E METODOLOGIA

A atuação do Serviço Social dentro do Ambulatório de Violência Sexual (AVS), tem quase 25 anos. Segundo depoimentos das assistentes sociais pioneiras, foi um processo gradativo de crescimento profissional. Atualmente a assistente social está presente no acolhimento humanizado, na escuta qualificada, triagem, orientação e acompanhamento das pacientes. Os atendimentos possuem variadas demandas e diversificado público, desde crianças até idosas, com uma única queixa, a violência sexual e, a maioria das vítimas é do gênero feminino.

A Intervenção profissional tem a perspectiva do Projeto Ético-Político – PEP, uma postura crítica diante da realidade. O compromisso ético e o aperfeiçoamento intelectual, são meios para entender as expressões da questão social na vida das vítimas sexuais, considerando a dignidade do usuário do Sistema Único de Saúde – SUS, as Normas e Protocolos norteadores do atendimento humanizado e adequado para mulheres pós estupro.

O AVS, entre os anos de 1994 e 2014, atendeu 35.559 casos novos de violência sexual. 10.175 mulheres adultas (28,6%), 10.854 adolescentes (30,5%) e 14.530 crianças (40,8%). Foram identificados 3.995 atendimentos (11,2%) referentes às vítimas do sexo masculino.

Por meio desta análise, observamos o aumento de casos de mulheres em situação de violência doméstica que sofreram estupros, mulheres que sofreram violência física, psicológica e sexual no primeiro encontro com um homem através de um aplicativo de

namoro e mulheres que sofreram violência sexual em festas e “baladas” ao serem dopadas com alguma droga chamadas “drogas de estupro e/ou boa noite cinderela”.

Durante o atendimento social, identificamos aspectos misóginos presentes em 04 relatos, ou seja, não são histórias de uma única pessoa, são situações que se repetem na história pessoal de muitas mulheres atendidas pelo AVS. A identificação da misoginia e da cultura do estupro são elementos agravantes dos crimes sexuais e fator de risco alto para o feminicídio.

A violência contra a mulher possui uma carga invisível que impacta em formato de silêncio, vergonha e medo. O discurso machista impregnado de misoginia, segundo Silva & Duarte (2017, p14) é mascarado pela preocupação e o cuidado com a mulher, colocada como um ser frágil e sem autonomia, necessitada de um homem que a tutele. Outro aspecto em discussão (p.15-16) são os misóginos que inferiorizam e ridicularizam o sofrimento das mulheres ocidentais e de seu país, afirmando que o sofrimento real é das afegãs ou muçulmanas.

A professora Laurinda (2014, p.47), afirma que o crescimento e a naturalização da violência diante do discurso “ainda bem que”, “ainda bem que só estupraram e não a mataram”, “ainda bem que ela conseguiu fugir”; é uma forma de minimizar o impacto do abuso e da crueldade. É a tentativa de reafirmar o triunfo sobre a própria morte “banalizando os efeitos, de tornar equivalentes, experiências extremamente diferentes, de confundir aquilo que é da ordem da constituição das relações humanas (a positividade da violência) com aquilo que é da ordem do abuso, da crueldade em sua vertente auto ou heterodestrutiva”.

Caso exemplar 1 - 28 anos, foi em busca de cuidados para a filha com suspeita de abuso sexual. Era a primeira vez que tinha ido tão longe na decisão de afastar-se do companheiro. O resultado dos 5 anos de união era; dois filhos pequenos, muitas humilhações, insultos e o desespero de que a filha teria sido violada.

Durante o relato dos fatos no momento da acolhida e escuta qualificada social, revelava-se o drama da violência doméstica que estava envolvida quando afirmava que o “marido disse que estava ficando louca”, “que ela não tinha noção de nada na vida” e era uma “incapaz” de se manter sozinha. A força por defender a filha, tinha raízes e lágrimas nos estupros vividos em seu próprio corpo na adolescência, de quando foi retirada de sua mãe e entregue ao pai e depois para o tio materno. F.K. viveu uma história de vida em que ela era propriedade de um homem, pai, tio abusador sexual e marido violento.

Caso exemplar 2 - com 29 anos, negra e recentemente viúva, regressando da busca de um emprego no bairro em que morava, parou para dar informações a um estranho que se dizia perdido. O homem estava de posse de arma de fogo. Ameaças, agressões físicas e sexuais, expressava que ela não era a única da noite, porque “vocês, mulheres, merecem ser judiadas”. Relatou que desmaiou várias vezes de nervoso e dor, era despertada com tapas no rosto. Escondeu de todos o ocorrido e as marcas pelo corpo, sangrou por vários dias e não teve coragem de pedir ajuda. E.G. sofreu a fúria e a tortura do patriarcado de plantão por ter nascido mulher.

Caso exemplar 3 - 20 anos, lésbica e diagnosticada com transtorno de ansiedade e esquizofrenia, em busca de melhor qualidade de vida e independência pessoal, iniciou, com o apoio da mãe, novo tratamento. Despertou com um tapa no rosto, agressões físicas e ameaças de morte caso revelasse o estupro. Foi culpabilizada pelos parentes, porque estava dormindo de camiseta e calçinha em seu próprio quarto. R.L. foi violentada pelo tio e injustiçada pelos familiares como quem seduziu e provocou sexualmente o tio.

Caso exemplar 4 - 23 anos, sofreu abusos sexuais dos 08 anos de idade até os 11 anos com sexo anal e dos 12 anos aos 20 anos vaginal e anal, perpetrados pelo padrasto. A fuga do alçóz ocorreu depois que sua mãe se convenceu do grau de violência e risco de morte de todos e conseguiu aceitar fugir do domicílio com todos os filhos. Revela que muitas vezes assistia sua mãe ser agredida pelo padrasto e se sentia culpada, porque ele estava cumprindo a ameaça de machucar a sua mãe se ela evitasse os abusos sexuais. E muitas vezes, enquanto a violentava, dizia “ela queria sim fazer sexo com ele”, o agressor desfigurava sua violência e culpava a vítima dizendo que ela queria ser amante dele.

CONCLUSÃO

À luz dos estudos sobre a violência de gênero e dos movimentos feministas ocidentais, Garcia afirma que (2018, p.10) toda violência masculina contra as mulheres, estupro, violência doméstica, abuso sexual infantil e as várias formas de assédio, são “método-chave de controle patriarcal” e o exercício do poder e domínio sobre o corpo e “o sexo é algo que alguém retira de uma mulher”.

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública, em que se encontram expressões da questão social peculiares do capitalismo. Para analisá-lo é necessário despir-se do modo de pensar e ser do opressor. As narrativas das sobreviventes da violência

sexual, indicam a urgência da desconstrução social, do conceito de ser humano de segunda classe, frágil e propriedade privada e fonte extorquida de prazer.

As leis, normas e protocolos de cuidado e defesa da saúde da mulher devem ser democraticamente divulgados, entendidos e conhecidos como instrumentos valiosos de cidadania e igualdade, indo na contramão do machismo e da misoginia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 9. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2011].

CAMPOS, Alzira L. A. GOMES, Álvaro C.; GODOY; Marília G.G. **O incesto na literatura e na história**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v.31,n.1, p. 252-272, jan./jun. 2016.

CERQUEIRA, Daniel CRUZ, Danilo S. FERREIRA , Helder. **Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014**. Rev. Bras. Segur. Pública | São Paulo v. 11, n. 1, 24-48, Fev/Mar 2017.

CHAUÍ M. **Ética e violência**. *Teoria e Debate*, edição 39:33-34 1998.

DUARTE, João C. SILVA, Larissa T. de S. **A misoginia como obstáculo para o pleno exercício dos direitos fundamentais**. Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas, Ipatinga, MG, Brasil. V.1, n.1, p.1-22 (2017).

FILHO, Amílcar T. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos Pagú (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil** 2ª edição. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Paz e Terra- RJ. 1987.

MARX, Karl. **O CAPITAL**. vol. 1. Tomo II. Editora Nova Cultural – SP -1996.

MELO, Victor H. MELO, Elza M. **Para Elas**. Belo Horizonte : Nescon/UFMG, 2016.

PRIORE M. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império**. Historia das crianças no Brasil. 7 ed. 1 reimpressão. São Paulo : Contexto,p. 84-106. 2013

SOUSA, Maria Laurinda Ribeiro de. **Violência**. Casa do Psicólogo, 2014.